

Observações críticas sobre as regras dadas pelo Sn^r Jeronymo Soares Barboza por Francisco Solano Constâncio

Observações críticas sobre as regras dadas pelo Sn^r Jeronymo Soares Barboza by Francisco Solano Constâncio

Sónia Coelho

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

ccoelho@utad.pt

Susana Fontes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

sfontes@utad.pt

Resumo: Em inícios do século 19 foi publicada, postumamente, a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822) da autoria de Jerónimo Soares Barbosa, que conheceu, ao longo deste século, sete edições (1822, 1830, 1862, 1866, 1871, 1875, 1881). Dada a importância dessa obra, impressa sob a chancela da Academia Real das Ciências, vários foram os autores que a ela se referiram, seja para a adotar como modelo, seja para a criticar. Francisco Solano Constâncio, autor da *Grammatica analytica da lingua portugueza*, é um desses exemplos. Ao longo dessa gramática, referencia frequentemente essa obra de Soares Barbosa, apresentando, inclusive, na parte quinta, dedicada ao estudo da ortografia, um conjunto de considerações críticas acerca da doutrina ortográfica barboseana. No presente artigo, pretende-se analisar essas *Observações críticas sobre as regras dadas pelo Sn^r Jeronymo Soares Barboza*, dando a conhecer a opinião de Francisco Solano Constâncio acerca de algumas propostas ortográficas postuladas por Jerónimo Soares Barbosa.

Palavras-chave: *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*; Jerónimo Soares Barboza; *Grammatica analytica da lingua portugueza*; Francisco Solano Constâncio; ortografia.

Abstract: In the early 19th century, the *Grammatica philosophica da Lingua Portugueza* written by Jerónimo Soares Barbosa was published posthumously, in 1822. It had throughout this century seven editions (1822, 1830, 1862, 1866, 1871, 1875, 1881). Given the importance of this work, printed under the auspices of the Royal Academy of Sciences, several authors referred to it whether to adopt it as a model or to criticize it. Francisco Solano Constâncio, the author of the *Grammatica analytica da lingua portugueza*, is one of these examples. Throughout his grammar, he often refers to this work of Soares Barbosa, and in its fifth part, dedicated to the study of orthography, he presents a set of critical considerations about the Soares Barboza's orthographic doctrine. In this paper, it is our purpose to analyze these *Observações críticas sobre as regras dadas pelo Sn^r Jeronymo Soares Barboza* (Critical remarks about the [grammar] rules published by Jeronymo Soares Barbosa), in order to present Francisco Solano Constâncio's views on some orthographic proposals postulated by the author Jeronymo Soares Barbosa.

Keywords: *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*; Jerónimo Soares Barbosa; *Grammatica analytica da lingua portugueza*; Francisco Solano Constâncio; orthography.

Recebido em 13 de fevereiro de 2015.

Aprovado em 27 de agosto de 2015.

Considerações iniciais

Jerónimo Soares Barbosa nasceu em Ansião, em finais de janeiro de 1737, e faleceu a 5 de janeiro de 1816, em São João de Almedina, Coimbra.¹ Tendo sido educado no Seminário Episcopal de Coimbra, aí foi ordenado presbítero em 1762.

¹Para a transcrição dos assentos de batismo e óbito de Jerónimo Soares Barbosa, consulte-se Kemmler (2012, p. 102).

No ano de 1766, “após a saída do professor régio Manuel Francisco da Silva Veiga, provido numa beca da Relação do Rio de Janeiro, e tendo-se tornado obrigatória a frequência da Retórica para os candidatos à Universidade [...]” (AZEVEDO, 2012, p. 30), passou a professar Retórica e Poética no Colégio das Artes de Coimbra e, dois anos depois, em 1768, formou-se em Cânones.

A 8 de julho de 1792 foi “nomeado visitador das escholas de primeiras letras, e da lingua latina na provedoria de Coimbra [...]” (GUSMÃO, 1857, p. 260) e, no ano seguinte, em 1793, foi encarregue de promover e dirigir as edições dos autores clássicos para uso das escolas. Posteriormente, em 1800, foi nomeado deputado da Junta da Diretoria Geral dos Estudos, sendo já, por esta altura, professor jubilado da cadeira de Retórica e Poética.

Em 1789 tornou-se sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, agradecendo a eleição por carta datada de 17 de abril do mesmo ano. Em 1803, foi promovido a sócio livre.

Trata-se de “[...] um homem de verdadeiro merito, que dava e sabia o *por que* das cousas” (LEAL, 1859, p. 3) e de um ilustre humanista, que prestou um importante serviço às “letras, e ao progresso e aperfeiçoamento dos estudos em Portugal” (SILVA, 1859, III, p. 276).

Tendo dedicado grande parte da sua vida ao ensino, Jerónimo Soares Barbosa empenhou-se na renovação dos métodos pedagógicos de então, consubstanciando as suas propostas em obras de elevado mérito. Do seu labor gramatical, destaca-se a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, obra póstuma, publicada em 1822 pela Academia das Ciências. Essa gramática, por muitos ainda hoje considerada uma das melhores da Língua Portuguesa, contou, no século 19, com sete edições (1822, 1830, 1862, 1866, 1871, 1875, 1881) e só voltaria a ser reeditada em 2004, numa edição fac-similada da 1ª edição por Amadeu Torres.

Francisco Solano Constâncio,² filho de Manuel Constâncio, um ilustre cirurgião e professor de anatomia, terá nascido em Lisboa, por volta de 1772. Cedo saiu do seu país, tendo regressado já doutor em Medicina pela universidade de Edimburgo, por volta de 1800. Em 1808, abandona novamente Portugal, uma vez que, enquanto assumido defensor da causa francesa, temia uma perseguição. Após esta saída, terá estado em Paris,

²Para informações detalhadas acerca do autor, leia-se Silbert (1950).

uma vez que aí publica, em 1815, o *Observador Lusitano em Paris, ou collecção litteraria, politica e commercial*, publicação que se insere no jornalismo da primeira emigração. Tendo também percorrido outros países da Europa e a América do Norte, fixou-se finalmente em Paris, onde casou-se com Maria Julia Basillie e faleceu a 21 de dezembro de 1846.

Para além da sua formação em medicina, são lhe ainda reconhecidos méritos como filólogo, economista e tradutor. De entre as várias obras metalinguísticas da sua autoria, destaca-se a *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*, publicada em Paris e no Rio de Janeiro, em 1831, voltando a ser reeditada, numa segunda edição, em Paris, em 1855. Essa gramática foi também editada numa versão resumida, sob o título de “Resumo da grammatica portugueza”, anteposta ao *Novo dictionario critico e etymologico da lingua portuguesa*,³ dada pela primeira vez à estampa em 1836, que contou com mais de dez edições. Ao que parece, apesar dessas edições, essa gramática, escrita num período em que o autor se encontrava no estrangeiro, terá sido pouco divulgada em Portugal.

No que concerne à sua estrutura, essa obra encontra-se dividida em cinco partes: *Parte Primeira: Das Letras ou caracteres vocais; Parte Segunda: Das partes da oração; Parte Terceira: Das Particulas da oração; Parte Quarta: Da Syntaxe; e Parte Quinta: Da Prosodia*.

Ao longo de toda a *Grammatica Analytica*, Jerónimo Soares Barbosa é uma referência constante, muitas vezes fonte de crítica. No presente artigo, interessa-nos atentar na parte quinta, especificamente no tópico *Observações criticas sobre as regras dadas pelo Snr Jeronymo Soares Barboza* que integra a parte dedicada à *Orthographia da Lingua portugueza*, na qual Solano Constâncio analisa algumas propostas ortográficas de Jerónimo Soares Barbosa. Em termos metodológicos, seguiremos a estrutura e a sequência apresentadas pelo gramático, debruçando-nos sobre os seguintes aspetos: o <h> não etimológico e o <e> protético, os grafemas <x> e <ch> com valor de [ʃ], os grafemas

³Trata-se de um volume in 4º grande, com perto de mil páginas, que, na realidade, excede um pouco à expectativa de um dicionário prático, quer pela sua configuração, quer pelas características da sua composição e pelos elementos de informação linguística que valoriza, especialmente a abundante acumulação sinonímica (“com reflexões críticas”), que preenche as glosas, e sobretudo a análise etimológica (VERDELHO, 2007, p. 32-33).

<s>, <ss>, <c> e <ç> com valor de [s], os grafemas <s> e <z> com valor de [z], os grafemas <g> e <j> com valor de [ʒ] e, por último, as letras dobradas e os nexos consonânticos.

Um olhar sobre as *Observações críticas sobre as regras dadas pelo Sr Jeronymo Soares Barboza*

O <h> não etimológico e o <e> protético

Francisco Solano Constâncio inicia estas considerações esclarecendo o leitor da sua motivação para tecer estas críticas. Diz o autor que é importante examinar a doutrina ortográfica apresentada na *Grammatica Philosophica*, por ser ela aprovada e impressa à custa da Academia Real das Ciências, o que lhe conferia, automaticamente, um elevado estatuto. Em termos metodológicos, o gramático opta por citar as regras que lhe parecem imprecisas ou erradas, começando a sua análise pela Regra III, apresentada por Soares Barbosa, que seguidamente se transcreve:

REGRA III.

Todos ainda os mais apaixonados pelas Etymologias, assentão não ser justo metter na escriptura das palavras Portuguezas Letras desnecessarias, e que lhes não competem, nem em razão da pronunciação, nem em razão da dirivação.

Como: escrever com H *He, Hum*, e com E no principio *Esparto, Espaço, Estatua, Espirito, Especie, Estudo &c.* quando nem a pronunciação o pede, nem as palavras Latinas *Est, Unus, Spartum, Spatium, Statua, Spiritus, Species, Studium* o tem, nem o mesmo se practica em outras semelhantes, como em *Scena, Sciencia, Scipião &c.* (BARBOSA, 1822, p. 59-60).

De acordo com essa regra, percebemos que Soares Barbosa considera que o <h> apenas deve figurar nas palavras que em latim o continham, de modo a evidenciar a sua etimologia.

Nos casos em que o <h> ocorre em palavras que não o têm nas latinas ou em palavras portuguesas, o gramático diz não entender a razão desses usos: “Porêm não havendo H nas palavras Latinas *Unus, Est, Cadere, Salire, Ibi*, e sendo puramente Portuguezas *Baía, Baú*; não sei a razão, porque se escrevem com elle deste modo: *Hum, Hé, Cahir, Sahir, Ahi, Bahia, Bahú*” (BARBOSA, 1822, p. 71).

Solano Constâncio reconhece o facto de este <h> não ser etimológico, no entanto, considera a sua utilização nestes contextos imprescindível, criticando as opções de Soares Barbosa.⁴ Como justificação, indica, em primeiro lugar, o facto de o <h> apresentar, nessas palavras, uma ligeira aspiração; em segundo lugar, aponta para a função distintiva desse grafema em palavras que se escreviam com <h> para se distinguirem de outras:

Já mostrei porque, sendo o *h* hum signal equivalente de hum accento grego em latim, deve usar-se d'elle em portuguez todas as vezes que fizer a mesma funcção. Por isso escrevemos bem: *ahi*, e *cahir*, *sahir*, *anhelar*, *anhelito*, etc. Não só o *h* de *ahi* he ligeiramente aspirado como o de *ah!* *oh!* *hui!*, mas seria mui facil confundir *aî* ou *ai* com *ai*, tanto na escripta como nos impressos, se ao *h* se substituísse hum accento sobre o *i* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 285).

Daqui se depreende que o gramático é favorável à utilização do <h> em detrimento da acentuação gráfica, uma vez que entende que o acento seria, por lapso, facilmente omitido, gerando maior confusão na compreensão dos vocábulos: “[...] mais vale huma letra que hum accento, que mui facilmente se omitta na escripta e na impressão; tendo neste caso a tal omissão o gravissimo inconveniente de confundir o verbo com a conjunção *e*” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 270).

Por sua vez, Soares Barbosa considera que a acentuação supre claramente essa função distintiva do <h>. Do mesmo modo, também contempla a hipótese da eliminação do <h> nas formas em que este tem uma função anti-hiática, contrariamente a Constâncio:

Porque, se o *h*, com que ora se escrevem, he para separar as duas vogaes em ordem a não fazerem diphthongo, e mostrar que o *i* he longo e agudo; muito melhor fazião isto nossos antigos dobrando o *i*, e escrevendo *Caiir*, *Saiir*; e nós ainda melhor, accentuando o mesmo *i* deste modo: *Caír*, *Saír*; e tirando o accento, quando faz diphthongo no presente do indicativo e

⁴Ortógrafos coetâneos de Constâncio, como Carlos Augusto de Figueiredo Vieira, postulam claramente a eliminação do <h> nestes contextos: “Não deve empregar-se o *h*, onde nem a etymologia nem a pronuncia o reclamam; devemos por tanto escrever sem elle *é*, *um*, *uma*, *ia*, *ias* &c” (VIEIRA, 1844, p. 45).

do subjunctivo, como *Caio, Caia, Saio, Saia, &c.* (BARBOSA, 1822, p. 267).

Outro aspeto referido na citação anteriormente transcrita da III regra enunciada por Soares Barbosa, o <e> protético, é classificado pelo gramático como uma introdução do uso, uma vez que nem a pronúncia nem as palavras latinas de que as portuguesas provêm o têm na sua origem.

Constâncio justifica a introdução desse <e> pelo facto de ser “[...] indispensavel em portuguez, assim como em hespanhol, porque fôrma huma syllaba que não existe no latim.⁵ [...] Estas modificações de pronúncia são fundamentaes, e constituem o character dos dialectos derivados” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 285). Nesse caso em concreto, verificamos que é a pronúncia que acaba por impor a introdução dessa letra. Do mesmo modo, em palavras como *scena, sciencia, sceptro*, em que não se pronuncia um <e> inicial, não há necessidade de se desviarem do étimo de que provêm: “[...] devemos escrever sem o e inicial *scena, scenico, scenario, sceptro*, porque assim he conforme á etymologia e á pronuncia” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 267).

Grafemas <x> e <ch> com valor de [ʃ]

Para representar o som [ʃ], Soares Barbosa propõe o uso das consoantes portuguesas <x> e <ch>, “[...] que parecem ter o mesmo som na nosa pronúncia usual” (BARBOSA, 1822, p. 82). Como podemos constatar, o gramático alude ao facto de, na língua-padrão, já ter sido anulada a oposição entre a africada e a fricativa palatais, resultando apenas [ʃ] na pronúncia usual. No entanto, na sua opinião, essa oposição ainda existe, pois, ao explicar a razão por que considera essas consoantes portuguesas, distingue-as articulatoriamente, conferindo-lhes diferentes realizações:

Digo: *Portuguezas*. Porque, ainda que a primeira é Latina, e a segunda Grega, ou equivalente a ela; nós lhes damos significasões mui diferentes, servindo-nos da primeira, não como duples por CS, mas como Chiante

⁵Alguns anos depois, Adolfo Coelho utiliza o mesmo argumento para justificar a introdução do <e> protético: “SC, ST, SP. Estas combinações como iniciaes eram frequentissimas em latim. As linguas romanas parecem tel-as achado muito duras, porque geralmente as partem em duas syllabas por meio d’um e prosthetico: assim de *scutum* faz o port. *escudo*, de *sto* faz *es-tou*, de *spica* faz *es-piga*” (COELHO, 1868, p. 84).

Semivogal com um som Mourisco; e da segunda, não como aspirada, mas como Chiante muda com o som de TCH á Italiana.

Os que melhor falam a Língua Portuguesa distinguem na pronúncia estas duas Consoantes, dando ao *Xis* um *Chio* semivogal, que se deixa perseber ainda com o órgão scasamente fechado, como em *Xofre*; e ao CH hum *chio* mudo, que se não persebe, se não no instante mesmo da dezinterseptação da voz, que o mesmo órgão reprezava, como em *Chove*. O vulgo pelo contrario confunde ordinariamente estas duas Consoantes, pronunsiando ambas como *X* (BARBOSA, 1822, p. 82).⁶

Assim, percebemos que, para o gramático, o <x> corresponde, na pronúncia dos falantes cultos, a uma fricativa palatal surda e o <ch> a uma africada palatal surda, uma vez que o autor descreve um impedimento à passagem do fluxo de ar no trato vocal.

Relativamente a esta distinção que Soares Barbosa reconhece ainda existir, Solano Constâncio diz nunca a ter percebido “[...] na pronúncia da gente culta de Lisboa, e dos que não conservão accento provinciano” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 286). No entanto, ainda que não reconheça esta distinção na pronúncia da Capital, diz ainda existir na pronúncia dos transmontanos⁷ (CONSTÂNCIO, 1831, p. 287).

Por outro lado, é com base nesta diferença entre [ʃ] e [tʃ] que Constâncio enuncia uma regra que permite, em caso de dúvida, determinar a opção entre as grafias <x> e <ch>:

2ª Todas as vezes que houver duvida entre o emprego de *x* e de *ch*, poderá quasi sempre decidir-se attendendo ao seguinte preceito. Se o som duvidoso admitte a pronúncia de *tch*, como *chove*, *chegar*, *achar*, *fechar*, *inchar*,

⁶De acordo com Adelina Angélica Pinto (1980-81, p. 175): “O que importa aqui salientar é que ainda em 1822 uma gramática documenta e defende a pronúncia de *ç* como uma verdadeira africada, considerando-a apanágio dos homens cultos.”

⁷Atualmente, a pronúncia da africada circunscreve-se às variedades dialetais mais conservadoras, nomeadamente aos dialetos setentrionais. Lindley Cintra indica precisamente esta característica como o terceiro traço que permite reconhecer um falante do Norte: “3º a «pronúncia do *ch* como *tx* ou *tch*» - ou, também descrito com mais rigor: a permanência da distinção fonológica em posição inicial de sílaba entre o fonema /ç/, representado pelo grafema *ch* e o fonema /ʃ/, representado pelo grafema *x*” (CINTRA, 1983, p. 143).

escrever-se-ha por *ch*; e de contrario se usará o *x*; v. g. em *deixar*; *bruxa*, *buxa*, *lixa*, *lixo*, *peixe*, *enxó*, *coxo*, *frouxo*, *roxo*, *bexiga*, *enxertar*, *enxofre*, *enxugar*, *enxarcia*, etc. (CONSTÂNCIO, 1831, p. 287).

Soares Barbosa enuncia as regras para a seleção entre estes dois grafemas tendo por base a posição e o contexto em que estes surgem no vocábulo. Já Solano Constâncio recorre também a outras línguas, como o latim, espanhol, francês e italiano, para explicar a grafia dos mesmos. Atentemos no exemplo:

O *x* soando como em *xa*, *enxó*, suppre em portuguez: 1º o *sc* latino, em *peixe* de *piscis*, em *mexer* de *miscere*; 2º o *s* em *bexiga* de *vesica*; 3º os *ss* em *paixão* de *passio*; 4º he alteração do *ll* hespanhol, em *chover*, *chave*, de *llover*, *llave*; o *ss* francez, em *leixar* de *laisser*, ou de *sc* italiano, *lasciare* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 287).

Grafemas <s>, <ss>, <c> e <ç> com valor de [s]

Segundo Soares Barbosa, o som [s] pode ser representado graficamente por <c, ç, s, ss>, o que significa que o gramático atribui a estas grafias o mesmo valor, não lhes aduzindo qualquer distinção em nível de articulação, como faz, por exemplo, Feijó.⁸

⁸O ortógrafo identifica para <c, ç> e <s, ss> diferentes pontos de articulação:

79 Ja dissemos que o *C* como *C* se pronuncia com a extremidade anterior da lingua, tocando nos dentes quasi fechados, em quanto sahe o seu som, que he suavemente brando. O *S* pronuncia-se com a ponta da lingua moderadamente applicada ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, em quanto sahe hum som quasi assobiando do meio da bocca, como se percebe nestas palavras *Sancto*, *Sá*, *Sé*, &c. Pois se esta he a rigorosa, e propria pronunciaçãõ do *S*, como se equivoca com a do *C*, que he taõ diversa? Se os sons saõ diversos, como pôde ser a consonancia a mesma? Demos a cada huma destas letras a diversidade da sua pronunciaçãõ, e logo se perceberá a diversidade de *Sá*, ou *Ça*, *Sé*, ou *Ce*, *Si*, ou *Ci*, *So*, ou *Ço*, *Su*, ou *Çu*. Pronuncie-se *Çapato*, e *Sapato*; *Maça*, e *Massa*; e diga quem não he surdo a differença que percebe entre hum, e outro som (FEIJÓ, 1781, p. 45).

Perante essa coincidência fonética, torna-se muito difícil, na prática, a escolha entre os grafemas <c, ç, s, ss>, desempenhando aqui a etimologia da palavra um papel determinante:

Huma das maiores dificuldades, que tem a Orthographia da dirivação, he a do C sem cedilha antes das vogaes e, e i, e a do Ç com ella antes de a, o, u. Porque tendo ambas o mesmo valor que o simples S; não se pôde saber senão pela origem Latina, quando havemos de usar de S, e quando de C simples, ou cedilhado. Assim so pelo Latim *Sine, Centum, Cera, Sum, Cedo, Sericum, Cilicium, Sigillum*, he que podemos escrever certo as nossas palavras dirivadas *Sem* preposição, e *Cem* numero, *Cera* nome, e *Será* verbo, *Ceda* verbo, e *Seda* nome, *Cilicio, Sello*. Da mesma sorte não escrevemos *Acção, Lição, Solução* com Ç cedilhado, e *Conversão, Expulsão, Summersão* com hum S, e *Oppressão, Submissão, e Remissão* com dois, senão porque as primeiras palavras Latinas *Actio, Lectio, Solutio* se escrevem com TI na penultima, as segundas *Conversio, Expulsio, Submersio* com hum S so; e as ultimas *Oppressio, Submissio, e Remissio* com dois (BARBOSA, 1822, p. 72-73).

Solano Constâncio menciona essa regra supracitada, não tecendo qualquer comentário sobre ela, o que nos permite concluir que concorda com ela. Se nesse aspecto Solano Constâncio está de acordo com Soares Barbosa, logo a seguir critica o facto de este último indicar que algumas palavras se devem escrever com <s> por serem *puramente portuguesas*,⁹ quando, na sua ótica, não o são: “Escreve com *s, seifar, sevar, siume, serzir, sisco, sedenho, sedula, selga, sigano, selada, sima*, porque são,

De acordo com Filomena Gonçalves (1992, p. 73), “esta diferença é um rasgo arcaizante do sistema das sibiliantes que apenas foi conservado dialectalmente. Assim, <Ç> corresponderia a /ts/, isto é, a uma africada pré-dorsodental surda e <S->, <-S> e <-SS-> corresponderiam a /s/, ou seja, a uma fricativa ápico-alveolar igualmente surda”.

⁹“Sendo porém as nossas puramente Portuguezas, como são *Seifar, Sevar, Siume, Serzir, Sisco, Sedenho, Sedula, Selga, Sigano, Selada, Sima* he bem excuzado escrevel-a com C, como muitos fazem” (BARBOSA, 1822, p. 73). Apesar de mais esta crítica às arbitrariedades do uso, a grafia <c/ç> acaba por prevalecer no texto da gramática, como se comprova através da palavra *sima*, que só surge com <s> duas vezes, sendo uma delas a da citação anterior e outra uma ocorrência no capítulo da ortografia da pronúncia, ao passo que a representação com <c>, *cima*, surge trinta vezes.

diz elle, puramente portuguezas. Nisto se engana totalmente, pois humas são gregas, outras latinas, etc” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 288).

Relativamente ao <c> cedilhado, Soares Barbosa esclarece alguns aspectos relacionados com o seu uso. Assim, em primeiro lugar, refere que se usa “[...] o C sem cedilha, valendo por S antes de e, e i; o mesmo Ç com cedilha valendo tambem por S mas so antes de a, o, u; [...]” (BARBOSA, 1822, p. 68). Em segundo lugar, destaca-se o facto de o autor não admitir a possibilidade de a grafia <ç> ocorrer em posição inicial: “2.º Que, quanto ao Ç antes de a, o, u; nunca se deve pôr no principio da palavra; e que aquelles que escrevem *Çafira, Çanfonina, Çafar, Çapato, Çafra, Çamarra, Çanefa, Çarça, Çorda, Çorça, Çotea, Çumo, Çurriada* não tem porsí nem a dirivação, nem a razão” (BARBOSA, 1822, p. 73). Em posição medial ou final, esse grafema está sobretudo associado aos substantivos que terminam nas sequências <vogal+ça> e <vogal+ço> e às palavras latinas que contêm <ti>:

Que no meio, ou no fim da palavra se costuma pôr o mesmo Ç em lugar de S quasi em todos os nomes substantivos acabados em *aça, êça, iça, oça, uça*, e em *aço, êço, iço, ôço, uço* como: *Ameaça, Cabeça, Cortiça, Carroça, Escaramuça, Braço, Adereço, Feitiço, Pescoço, Rebuço*; e em os que tendo no Latim a penultima em TI, acabão no Português em *ão, ia, io*, como: *Oração, Prudencia, Obrepticio* (BARBOSA, 1822, p. 73).

No que concerne a essas regras apresentadas por Soares Barbosa, Solano Constâncio cita-as, não lhe tecendo qualquer crítica, nem apresentando outra alternativa, o que nos permite concluir que está de acordo com essas propostas.

Grafemas <s> e <z> com valor de [z]

No que concerne ao uso de <s> e <z> com valor de [z], Constâncio critica algumas opções de Soares Barbosa. Atentemos às suas palavras:

Escreve *casa* por *caça*, *caza* por *casa*, *brasa* por *braça*, sem motivo algum nem de derivação, nem de pronuncia, visto que *s* entre vogaes soa *z*, excepto em algumas palavras compostas de voz que começa por *s*, v. g. *presentir*; *proseguir*. *Braza, aza, louza*, são conformes ao uso, á pronuncia, e não tem radical que faça preferir o *s* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 289).

Essa regra enunciada por Constâncio é aquela que Soares Barbosa propõe para quem quiser escrever todas as palavras segundo a ortografia da pronúncia, o que facilitaria certamente a aprendizagem da ortografia por parte daqueles que não dominam a língua latina, pois para representar o som [s] apenas se usa o <s> e para o som [z] o <z>:

Os sons do Z e S ficão distintos, uzando nós daquele todas as vezes que ele soar na pronúncia, e deste em lugar dos dois SS, e do Ç sedilhado e sem sedilha, e screvendo sem scrupulo algum: *Cazar, Caza, Prezo*, sem perigo de se equivocarem com *Casar, Casa, Preso*, ainda que se não screvão como se costuma *Caçar, Caça, Preco* [sic!]; e bem assim *Gostôzo, Gloriôzo, Tranzito &c.* Por esta Regra o mesmo S liquido, que sempre o é quando não tem vogal diante, como em *Eiscelente; Desmedido, Desconertado* [sic!]; pasará a screver-se, como sôa, com Z, logo que se lhe seguir vogal; deste modo: *Eizemplo, Dezamôr, Dezandar, Dezobediente*, e assim constantemente nas mais palavras, onde seu som se ouvir (BARBOSA, 1822, p. 81).

Mas deixando de lado a ortografia da pronúncia e voltando à ortografia usual, como o próprio gramático evidencia a propósito das palavras *casar, casa e preso*, elas não se costumam escrever conforme se pronunciam, mas, sim, *caçar, caça e preço*, o que significa que a ortografia usual descuidava, nesse caso, o critério fonético. Prova disso são também as palavras *casa e presente*, que no texto da *Grammatica Philosophica* surgem sempre com <s>, contrariando o facto de o autor defender que se grafem com <z>, como vimos anteriormente.

Grafemas <g> e <j> com valor de [ʒ]

Outro momento em que Solano Constâncio acusa Soares Barbosa de errar é quando trata dos usos do <g> e <j> em palavras *puramente portuguesas*, criticando-o, novamente, por razões etimológicas:

Tratando do emprego do *j* e do *g*, torna a fallar de palavras *puramente portuguesas*, e cita como taes *jeito, jerzelim, jeira*, que diz deverem escrever-se por *j*, contra o uso constante antigo e moderno. Nenhuma d'ellas he primitiva da nossa lingua. *Geito* vem de *gestus*, de *gero*; *geira* de *jugerum*, composto de *gerere* e de *jugum*; *gergelim* he arabico, e todas requerem *g* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 289).

Note-se, mais uma vez, a incursão que o gramático faz por outras línguas para explicar o porquê de se grafarem os vocábulos portugueses de determinada forma, evidenciando constantemente abundantes conhecimentos de outras línguas.

Letras dobradas e nexos consonânticos

No capítulo dedicado às ortografias etimológica e usual, Soares Barbosa trata também das consoantes dobradas, pois estas constituem uma herança do latim e, como tal, conservam-se para evidenciar essa filiação, embora, no caso do português, tenham o mesmo valor fonético das consoantes simples:

Os Latinos dobravão-nas; porque as pronunciavam ambas; e huma prova disto era ficar a vogal antecedente sempre longa por posição. Nós porêrn pronunciamol-as como se fosse huma so. Comtudo, para conservar este vestigio da etymologia Latina, querem os apaixonados della que assim se escrevão (BARBOSA, 1822, p. 75).

Assim, diferentemente do que acontecia no latim, na língua portuguesa não é possível determinar as circunstâncias em que se duplicam essas consoantes pela pronúnciação, evidentemente com exceção das letras <r> e <s>. Dessa forma, só o conhecimento da ortografia latina permite conhecer as regras:

Pela pronúnciação pois não podemos saber quando havemos de dobrar as consoantes, excepto o R quando he brando e quando forte, e o S quando se pronuncia como Z, e quando como Ç. Porque no primeiro caso usamos no meio das palavras da consoante simples, e no segundo da mesma dobrada. As mais ou se escrevão sos ou dobradas, pronúncião-se do mesmo modo. Assim não pôde haver regra alguma segura, que nos dirija nesta escriptura, se não a Orthographia Latina principalmente nas Syllabas medias das palavras (BARBOSA, 1822, p. 75-76).

Essa é uma das regras com que Solano Constâncio está de acordo com a proposta de Soares Barbosa, manifestando-o explicitamente por meio da expressão *Nisto convenho* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 289). A

única exceção que o gramático contempla por entender que já se afastou muito do seu étimo, e que não é considerada por Soares Barbosa, é relativa à palavra *acceitar* e a “[...] todas as mais palavras em que os *cc* pronunciados desfigurão o som da palavra [...]” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 289).

Contrariamente a esse caso, em que Constâncio defende a eliminação de uma das consoantes, relativamente aos nexos consonânticos, por exemplo <gm, pt, ps, mn>, o autor é favorável à sua manutenção, mesmo que a consoante em causa não se pronuncie em todos os vocábulos da mesma família.¹⁰

Mas em *augmento*, *augmentar*, *escripto*, *excepto*, *psalmo*, *damno*, não suprimiremos o *g*, *p*, ou *m*, por não soarem, porque pronunciados não offendem o ouvido, e podem fazer-se sentir estas letras radicaes em muitas palavras das mesmas familias; v. g. o *g* em *auge*; o *ps* em *pseudo*, *psora*; o *pt* em *rapto*, *exceptuar*, *proscripto*, *apto*, *interrupção*, *interrupto*; o *m* em *indemnizar* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 290).

Soares Barbosa refere-se à maior parte desses nexos consonânticos principalmente no capítulo dedicado à ortografia da pronúnciação, momento em que nos dá a conhecer a dificuldade que causa aos nossos órgãos a pronúncia dessas sequências, razão pela qual muitas vezes se omitem ou alteram para outra forma. Além disso, as observações do gramático permitem-nos perceber o modo como esses grupos se comportavam na oralidade, esclarecendo-nos acerca do seu valor fonético. Vejamos as palavras do autor:

Todas as mais combinações de consoantes são estranhas ao noso órgão e pronúnciação, como estas: PT, PS, CS, CT, GM, GN, MN v. g. em *Scripto*, *Psalmo*, *Acsão*, *Acto*, *Augmento*, *Digno*, *Damno*, [sic!] O noso

¹⁰Aplicando esta regra, digo que todas as vezes que huma letra radical he pronunciada, na conversação, na tribuna, no púlpito ou na declamação teatral, em diversas palavaras de huma familia, devera escrever-se, ainda naquellas em que nunca soa; v.g. *signal*, *assignalar*; *acção*, *acto*; *victoria*, *victorioso*; *dicto*, *dictado*, *dicatdor*; *prompto*, *excepto*, *correcto*, etc.; e derivados, posto que nos mais d’elles e no radical portuguez, não soe o *g*, *c*, ou *p*, mas por soar huma destas letras em *signo*, *insignia*, *promptuario*, *exceptuar*, *correção*, *correcional*, *actual*, *actor* (CONSTÂNCIO, 1831, p. 264).

orgão bem mostra a violência, que tem na eispresão destas Silabas. Pois na pronunsiação corrente as costuma adosar, tirando-lhes uma das duas consoantes, e dizendo: *Scrito, Salmo, Asão, Ato, Aumento, Dino, Dano* (BARBOSA, 1822, p. 84).

Assim, constatamos que, em muitas dessas sequências herdadas dos gregos e latinos, por serem alheias ao mecanismo do nosso órgão, uma das consoantes é eliminada na pronúnciação.

Conclusão

Estamos perante duas importantes obras da gramaticografia portuguesa, inserindo-se ambas nas chamadas gramáticas filosóficas, cujo expoente máximo em Portugal foi precisamente a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822), de Jerónimo Soares Barbosa. No caso concreto da *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, podem encontrar-se ainda ecos de mais duas correntes:

A obra de Constâncio reúne, pelo menos, três correntes diferentes: a gramática geral de teor sensualista na tradição de Condillac, a teoria etimológica de Horne Tooke e a linguística histórico-comparativa nascente, representada pelos irmãos Schlegel e, no domínio das línguas românicas, de Raynouard (SCHÄFER-PRIEß, 2002, p. 172).

No presente artigo, debruçamo-nos sobre as *Observações críticas sobre as regras dadas pelo Sn' Jeronymo Soares Barboza*, tendo sido nosso objetivo analisar o posicionamento de Constâncio face a algumas propostas ortográficas de Soares Barbosa. Se o título e algumas outras referências ao longo de toda a gramática nos faziam antever uma postura discordante relativamente às regras apresentadas por Soares Barbosa, poder-se-á dizer, como demonstramos na nossa análise, que são vários os momentos em que Constâncio concorda com o autor da *Grammatica Philosophica*, embora apenas uma vez o refira explicitamente.

Do ponto de vista ortográfico, os dois gramáticos, nas descrições que fazem, assumem posturas diferentes. Se Solano Constâncio adota o critério etimológico como a base do seu sistema ortográfico,¹¹ Soares

¹¹Como o próprio autor refere, deve-se preferentemente manter a grafia mais próxima do original possível: “D’aqui se colhe que todas as consoantes dos radicaes latinos

Barbosa não se posiciona concretamente a favor de um sistema em particular, ainda que se perceba que o sistema por ele adotado seja o usual.

Daqui se percebe também que as posturas adotadas sejam diferentes, revelando-se Constâncio menos flexível do que Soares Barbosa relativamente à forma como expõe as suas regras ortográficas, não contemplando normalmente diferentes possibilidades. Já Soares Barbosa revela-se mais flexível e aceita a diversidade de usos. Assim, logo a iniciar o segundo livro, após a apresentação dos três sistemas ortográficos (o etimológico, o da pronúncia e o usual), refere que a ortografia da pronúncia é a mais acessível para aqueles que não detêm conhecimentos das línguas clássicas, porém conclui que esta não agrada aos doutos, que preferentemente escrevem segundo as etimologias. Como certamente entende que a sua função é dar a conhecer a língua, opta por descrever todos os sistemas, deixando liberdade na escolha: “Eu, para satisfazer a todos, porei primeiro as Regras communs a todas as Orthographias, e depois ás proprias a cada huma dellas. Quem quizer poderá escolher” (BARBOSA, 1822, p. 57-58).

Referências

AZEVEDO, R. C. d'. *Os Soares Barbosa – Ansianenses Ilustres*. Leiria: Textiverso, colecção Tempos & Vidas – 20, 2012.

BARBOSA, J. S. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias, ¹1822.

_____. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Na Typographia da Mesma Academia, ²1830.

_____. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia, ³1862.

_____. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, ⁴1866.

devem ser conservadas em portuguez em todas as palavras que não estejam nimiamente alteradas, como em *roto, preceito, aceitar, destruido, feito, absorvido, escrevido, arrebatado*, etc.” (CONSTÂNCIO, 1831, p. 290).

_____. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, ⁵1871.

_____. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, ⁶1875.

_____. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, ⁷1881.

_____. *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa (1822)*. Edição fac-similada, comentário e notas de Amadeu Torres. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, ⁸2004.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.

COELHO, F. A. *A Lingua Portugueza. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868.

COELHO, S. *A Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza de Jerónimo Soares Barbosa: Edição Crítica, Estudo e Notas*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / UTAD, 2013.

CONSTÂNCIO, F. S. *Grammatica analytica da língua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Paris: Em Casa de J. P. Aillaud, Rio de Janeiro: Em Casa de Souza, Laemmert e C^a, 1831.

_____. “Resumo da grammatica portugueza”. In: *Novo Dictionario critico e etymologico, da lingua portugueza*. Paris: Casimir, 1836.

_____. *Grammatica analytica da língua portugueza, offerecida á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Paris: Em Casa de J. -P. Aillaud, Monlon e C^a, 1855.

FEIJÓ, J. de M. M. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*. Lisboa Occidental: Na Officina de Miguel Rodrigues, ¹1734.

_____. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*. Lisboa: na Regia Officina Typografica, ³1781.

GONÇALVES, M. F. *Madureira Feijó: ortografista do século XVIII; para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Ministério da Educação (Identidade Série Língua Portuguesa), 1992.

GUSMÃO, F. A. R. de. Apontamentos para a continuação da Bibliotheca Lusitana. I. Jeronymo Soares Barbosa. *O Instituto. Jornal Científico e Litterario*, Coimbra, 22 (Fevereiro 15 – 1857), vol. V, p. 259-262, 1857.

KEMMLER, R. Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911. *Lusorama* Nr. 47-48, p. 128-319, 2001.

_____. Dicionario Bibliographico Portuguez (1858-1958): contributos e limitações para a disciplina da historiografia linguística portuguesa. In: Petrov, Petar / Sousa, Pedro Quintino de / Samartim, Roberto López-Iglésias / Feijó, Elias J. Torres (eds.): *Avanços em Ciências da Linguagem*. Santiago de Compostela: Associação Internacional de Lusitanistas, Através editora, 2012, p. 93-116.

LEAL, J. da S. M. *Jornal do Commercio* n.º 1874. In: Barbosa, Jerónimo Soares: *Analyse dos Lusíadas de Luiz de Camões*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1859, p. 3.

PINTO, A. A. (1980-81): A africada č em português: estudo sincrónico e diacrónico. *Boletim de Filologia*. Tomo XXVI. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, p. 139-192. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/lingua/boletimfilologia/26/boletim26_pag139_192.pdf. Acesso em 10 de fevereiro de 2015.

SCHÄFER-PRIEB, B. Entre a gramática filosófica e a linguística histórico-comparativa: Francisco Solano Constâncio e a sua *Grammatica analytica* da lingua portugueza de 1831. *Estudos de história da gramaticografia e lexicografia portuguesas*, p. 159-175, 2002.

SILBERT, A. Autour de Francisco Solano Constâncio. *Bulletin des Etudes Portugaises* 14, p. 132-196, 1950.

SILVA, I. F. da. *Dicionario Bibliographico Portuguez*. Volumes III. Lisboa: na Imprensa Nacional, 1859.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses, breve história. In: Verdelho, Telmo e Silvestre, João Paulo (org.): *Dicionarística portuguesa*.

Inventariação e estudo do património lexicográfico. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007, p. 11-60.

VIEIRA, C. A. de F. *Ensaio sobre a Orthographia Portugueza*. Porto: Typographia Commercial, 1844.